

DE GESTIS MENDI DE SAA: POEMA ÉPICO DE ANCHIETA (1563)

João BORTOLANZA

UFU - Universidade Federal de Uberlândia

jbortolanza@uol.com.br

Resumo: Apresenta-se um grande monumento da literatura novilatina brasileira do Padre José de Anchieta. Humanista e Jesuíta se fundem em *De Gestis Mendi de Saa*: o ideal da epopeia e o ideal da Contra-Reforma. Primeiro aedo épico das Américas, constrói o seu herói e as gestas com o maravilhoso específicos do ideal épico, abrindo mais uma duplicidade divino-humana, pagano-cristã, e isso na língua universal da época, o Latim. O Governador Geral Mem de Sá será o primeiro verdadeiro herói em luta contra as trevas do paganismo, num momento em que o mundo se descortina imenso e pagão, novo palco para a cruzada contra os heresiarcas da Reforma. Através de excertos, apresentam-se alguns aspectos básicos dessa epopeia de 1563: argumento e invocação; começo *in medias res*; o herói; a guerra; a vitória do novo; a presença da mitologia pagã e cristã; o altissonante da linguagem; o retrato da Terra *Brasillis* e da *Gens Brasillica*. O começo *in medias res*, exigência da épica clássica, abre a ação com a imponente chegada do Herói à Baía de Todos os Santos (*Agmina Sanctorum sinui* – baía das Legiões dos Santos), com as características do herói homérico e virgiliano – *cui maxima virtus corporis ast animus longe excellens*, a dominar a arte da palavra (*doctae Minervae artes*), como Ulisses, herói divino-humano, prolongamento do herói Cristo Rei para a grande façanha: *Eruere e Stygio Brasilles carcere mentes* “arrancar as almas Brasília às cadeias do Inferno”.

Palavras-Chave: Gênero épico; Reduções jesuíticas; Brasília gentes; Latim Humanista

1. Introdução

Apresenta-se um grande monumento da literatura novilatina brasileira do Padre José de Anchieta. Humanista e Jesuíta se fundem em *De Gestis Mendi de Saa*: o ideal da epopeia e o ideal da Contra-Reforma. Primeiro aedo épico das Américas, constrói o seu herói e as gestas com o maravilhoso específicos do ideal épico, abrindo mais uma duplicidade divino-humana, pagano-cristã, e isso na língua universal da época, o Latim. O Governador Geral Mem de Sá será o primeiro verdadeiro herói em luta contra as trevas do paganismo, num momento em que o mundo se descortina imenso e pagão, novo palco para a cruzada contra os heresiarcas da Reforma.

Através de excertos, apresentam-se alguns aspectos básicos dessa epopeia de 1563: argumento e invocação; começo *in medias res*; o herói; a guerra; a vitória do novo; a presença da mitologia pagã e cristã; o altissonante da linguagem; o retrato da Terra *Brasillis* e da *Gens Brasillica*. O começo *in medias res*, exigência da épica clássica, abre a ação com a imponente chegada do Herói à Baía de Todos os Santos (*Agmina Sanctorum sinui* – baía das Legiões dos Santos): o nobre Mem de Sá, com as características do herói homérico e virgiliano – *cui*

maxima virtus corporis ast animus longe excellens – excelente, superior em força física e moral, possuidor de vasta ciência e de larga experiência, a dominar a arte da palavra (*doctae Minervae artes*) como Ulisses, com uma *pietas* a fazer inveja a Enéias. E é essa *Fides*, aliada à *Pietas*, que o torna Herói divino-humano, prolongamento do Herói Cristo Rei para a grande façanha: ERUERE E STYGIO BRASILLES CARCERE MENTES – arrancar as almas Brasília às cadeias do Inferno¹.

2. Proposição

*Virtutes summi divinaque gesta Parentis,
Et nomen, Rex Christe, tuum; tua facta decusque
Et laudes canere incipiam; tua maxima facta
Aggrediar versu memorare, ingentibus ausis:
Magna quibus nuper tua mittere lumina virtus
Inter barbariem coepit Brasillibus oris,
Quas madidat pluvius furiosis imbribus Auster* (v. 109-115)

As glórias do Pai celeste e sua força divina,
teu nome, ó CRISTO REI, e teus feitos gloriosos
começarei a cantar. Num arrojo gigante,
emprenderei celebrar em verso tuas MAGNAS EMPRESAS.
Pois há pouco tua força descerrou uma aurora
por entre a escuridão das regiões brasileiras,
que o úmido Sul encharca com furiosas rajadas.²

Os primeiros 108 versos são uma *Epistola Nuncupatoria* a *Mendo de Saa Praesidi*, e somente nos versos *supra* se abre o poema épico, seguindo o modelo clássico, mas com o destaque do maravilhoso cristão. O maravilhoso pagão aparece ou cristianizado, como em *Summi Parentis*, epíteto de Júpiter aqui atribuído ao Deus Cristão, ou indicando fenômenos da natureza, como o deus *Auster* referido ao hemisfério Sul. Anuncia-se a *divina gesta / maxima facta* que consistiu em dissipar as trevas do paganismo e também da heresia nas terras brasílicas.

3. Invocação

O verdadeiro herói, a quem Anchieta, como aedo da Cruzada da Fé, dirige sua invocação é Cristo Rei, a operar a transformação via herói humano, o Governador Mem de Sá.

*Tu mihi, tu caecam, caeli o lux clara sereni,
Lumen inocciduum, patrii splendoris imago,
Clarifica mentem, IESU: tu lumina claris
Illustra radiis; tu, fons uberrimus, almae
Civibus unde urbis pleno fluit amne voluptas,
Funde salutare vivis de fontibus undas;
Divinoque riga sitientem flumine mentem,
Ut possim memorare tuae miracula dextrae,*

¹ Retomo aspectos considerados nos artigos de minha autoria já anteriormente publicados.

² A tradução é do Pe. Armando Cardoso, in ANCHIETA, 1986.

*Quae modo Brasillis patravit gentis amore
Maxima, Tartareis ubi puro orientia Olympo
Lumina discussis fulserunt clara tenebris.* (v. 120-130)

Tu, ó Jesus, ó clara luz do firmamento sereno,
ó fulgor sem ocaso, ó imagem do brilho paterno,
ilumina-me a mente cega, aclara-me a alma
com esplêndidos lampejos. Tu és a fonte ubertosa
donde, em torrentes, se inebriam os habitantes celestes.
Fecunda meu coração de copioso orvalho e derrama
sobre mim fontes vitais, ondas de vida,
inunda meu peito árido com teus rios divinos:
assim cantarei os prodígios que teu braço potente
há pouco operou em favor da gente brasílica,
quando fez raiar, rasgando as trevas do inferno,
na arcada celeste, esplendoroso arrebol.

Vai cantar, portanto, os *tuae miracula dextrae* operados “em favor da gente brasílica”, os índios, tirando-os das trevas do Inferno: mais uma vez a cristianização da mitologia pagã, substituindo *Tartareis* por *Infernais* e *puro Olympo* por nova aurora. Observe-se a força da adjetivação na épica anchietana: *caecam mentem, caeli sereni, clara lux, lumen innociduum*, etc. até culminar nos jogos hiperbáticos dos últimos versos, com os homeoteleutos das três cesuras e do final do último verso:

Quae modo Brasillis // patravit gentis amore
MAXIMA, *Tartareis* // ubi puro ORIENTIA Olympo
LUMINA *discussis* // fulserunt CLARA *tenebris*.

4. A gente Brasílica (v. 131-159)

Precede a abertura da narrativa uma multicolorida descrição da alteridade indígena. Pela própria intensa adjetivação pode-se aferir da ideologia do aedo da Cruzada salvífica.

131 <i>Obtenebrata diu barathri caligine caeci,</i>	<i>Caligine</i>
<i>Gens fuit australis, saevi subiecta Tyranni</i>	<i>Gens / Tyranni</i>
<i>Colla iugo, cassum divini luminis aevum</i>	<i>Colla / aevum</i>
<i>Traducens, multisque malis immersa; superba,</i>	<i>Malis / Gens</i>
135 <i>Effrenis, crudelis, atrox, fusoque cruenta</i>	<i>Gens / Sanguine</i>
<i>Sanguine: docta necem rapidis inferre sagittis;</i>	<i>Gens / sagittis</i>
<i>Immanesque tigres feritate luposque voraces</i>	<i>Tigres / Lupos</i>
<i>Et rabidos superare canes saevosque leones,</i>	<i>Canes / Leones</i>
<i>Humanis avidam pascebat carnibus alvum.</i>	<i>Carnibus / Alvum</i>

Envolta, há séculos, no horror da escuridão idolátrica, houve nas terras do Sul uma nação, que dobrara a cabeça ao jugo do tirano infernal, e levava uma vida vazia de luz divina. Imersa na mais triste miséria, soberba, desenfreada, cruel, atroz, sanguinária, (135) mestra em trespassara a vítima com a seta ligeira, mais feroz do que o tigre, mais voraz do que o lobo, mais assanhada que o lebreu, mais audaz que o leão, saciava o ávido ventre com carne humana.

140 *Multa diu scelera intentans, immanibus atri*

Scelera / Factis

*Regnatorem Erebi, (qui mortem primus in orbem
Induxit, primus seducens fraude parentes),
Sponte sequens factis, multorum corpora saevo
Discerpens leto, crudele superba furore* *Leto
Furore / Gens
Gentes / Funere*
145 Christicolas multo populabat funere gentes;

Por muito tempo tramou emboscadas: seguia, (140)
no seu viver de feras, o exemplo do rei dos infernos,
que por primeiro trouxe a morte ao mundo, enganando
nossos primeiros pais. Dilacerava os corpos de muitos,
com atrozes tormentos e, embriagada de furor e soberba
ia enlutando os povos cristãos com mortes frequentes. (145)

*Donec ab aethereis spectans regionibus oras
Brasilles Pater omnipotens, loca nocte sepulta
Horridica, humano sudantes sanguine terras,* *Oras / Loca
Nocte / Sanguine / Terras*
Misit ab Arctois ultorem criminis oris,
150 *Criminis infandi ultorem; qui pelleret iras* *Criminis*
Crudeles terra; qui funera dira, cruentis *Iras / Funera / Modis*
Perpetrata modis, compesceret, horrida sedans *Funera*
Bella, feros animos mulcens, rabidisque cruorem *Animos / Rictibus*
Rictibus humanum pasci non ferret inultus. *Cruorem / Qui (Indus)*

Mas um dia o Pai onipotente volveu os olhares
dos reinos da luz à noite das regiões brasileiras,
às terras que suavam, em borbotões, sangue humano.
Então mandou-lhe um herói das plagas do Norte,
um herói que vingasse os crimes nefandos. (150)
que banisse as discórdias, freasse o assassinio,
bárbaro e contínuo, acabasse com as guerras horrendas,
abrandasse os peitos ferozes e não sofresse impassível
cevar-se em sangue de irmãos queixadas humanas.

O Reino do Érebo era absoluto e as trevas infernais cobriam as *Austres gentes*: a antropofagia atesta toda a crueza das hordas bárbaras a viverem como leões ferozes ou vorazes lobos. A forte adjetivação clama para que o *Indus* não fique impune *inultus*. A ação do Herói divino faz-se sentir com a missão *ab Arctois oris* do Herói que iria vingar o *crimen infandum*, extinguindo a fúria insana desses *crudeles*, a alimentarem-se de carne humana, contínua ameaça às *Christicolas gentes*.

5. Começo *in medias res* (v. 155-177)

*Et iam ter centum bis senaque tempus in orbem (155)
Lustra revolvebat, postquam Genitricis ab alvo
Virginis intactae magni Fabricator Olympi
Factus homo egrediens, clarissima lumina toti
Praebuerat mundo, peccati nocte sepulto;*

E já trezentos e doze lustros o tempo volvia,
depois que o Criador dos astros, feito homem,
saíra do seio da Virgem Mãe impoluta,
iluminando de esplêndidos fulgores a terra,
sepultada, há séculos, no negror do pecado.

Exspectata diu cum ponti erepta periclis (160)
Applicuit classis sinui (cui Cuncta dederunt
Agmina Sanctorum nomen), quae, Tethyos undis
Ereptum mediis, INGENTEM HEROA vehebat;
MAGNANIMUM HEROEM MENDUM; cui sanguis avorum
Nobilis, et longo generosus stemmate clarum (165)
SA dat cognomen; multis cui grandior annis
Canities mentum decorat; cui plurima vultu
Maiestas, hilaris facies gravitate senili
Ornata, atque alacres oculi; cui maxima virtus
Corporis, et validae iuvenili robore vires; (170)

Eis que, liberta dos perigos do mar e de há muito esperada, uma esquadra fundeia na baía a que Todos os Santos legaram nome. Trazia, salvo das fauces do oceano, um SINGULAR HEROI, de extraordinária coragem, MEM, que do sangue de nobres antepassados e de seiva ilustre de longa ascendência herdara o sobrenome de SÁ. Superiores aos anos, ornam-lhe o rosto barbas brancas e majestosas: alegres as feições, sombreadas de senil gravidade, vivos os olhos, másculo o arcabouço do corpo, frescas ainda, como de moço, as forças de adulto.

Ast animus longe excellens, quem plurima rerum
Cognitio longusque usus doctaeque Minervae
Expoliunt artes; mediisque infixae medullis
Vera Dei PIETAS, et sancto insignis amore
Haud turbata fides Christi, fervensque sub imo (175)
Pectore, caelesti succensus Flamine, zelus
Eruere e Stygio Brasilles carcere mentes. (v. 155-177)

Muito mais excelente é a alma: pois lha poliram vasta ciência, com experiência longa do mundo, e a arte da palavra bela. Arraigado no seio traz um amor de Deus, santo, filial, verdadeiro e a fé de Cristo jamais desmentida. No peito, incendiado pelo Sopro divino, ferve-lhe o zelo de arrancar as almas brasílicas às cadeias do inferno.

Abre-se a narrativa com a chegada do Governador Mem de Sá, ingente heroi, à Baía de Todos os Santos, para a fundação das primeiras reduções jesuíticas, o feito maior. Significativo o tropo da marcação cronológica, bem ao gosto clássico, a abrir em tom altissonante a narrativa *in medias res*, – de fato datada de inícios de 1558 – trezentos e doze lustros (1560) depois que o *Fabricator Olympi* se fez homem para trazer a fulgurante luz ao mundo todo sepultado nas trevas do pecado: *clarissima lumina toti / praebuerat mundo, peccati nocte sepulto*. Como heroi situa-se na excelência em seus dotes corporais e espirituais, como braço humano do Herói Divino e o seu grande Feito, a Gesta – razão de ser do poema – arrancar as almas brasílicas da prisão do Estiges, das cadeias do inferno: *eruere e Stygio Brasilles carcere mentes*.

A mitologia pagã cristianiza-se em *Fabricator Olympi*, o Deus Supremo, e na substituição da Vênus *Genitrix* pela *Genitricis Virginis*; vem empregada metonimicamente em *Tethyos undis*, ondas do mar, e em *doctae Minervae artes* como a arte da retórica.

Já no verso 192, retrocede à cronologia dos acontecimentos: a chegada ao Brasil em fins de 1557, a expedição ao Espírito Santo e a prisão de Cururupeba nos primeiros meses de 1558. Voltará ao objetivo maior da colonização/ catequização dos indígenas, dentro da ideologia da Fé e Império – presente também em *Os Lusíadas*, 9 anos mais tarde, em 1572 – somente no Livro II (v.995-1330).

6. Batalha de Cricaré

*Iam medium caeli nox alta peregerat orbem,
Devexoque ferebatur per Olympica curru
Atria declivis, ruit omnis ad arma iuventus
Hortatu ducis, adversum nitensque per amnem,
Castra inimica petunt. Ferri toto ingruit horror (375)
Flumine; canescunt adductis aequora remis
Occurrunt saevi non pigris passibus hostes
Innumeri; terraque alii creberrima mittunt
Tela; alii levibus praetexunt lintribus aequor,
Intenduntque acres arcus: per inane sagitta (380)
Huc illuc densae volitant pernicious alis;
Obstridunt nervi, telis fugientibus aer
Dat sonitum, circumque viris obmurmurat aures.*

Já a noite avançada vencera a metade do curso
e transmontando-se inclinara para os pousos celestes.
À voz do chefe toda essa mocidade guerreira
atira-se às armas, rema contra a corrente, ao encontro
do arraial inimigo. O brilho sinistro das armas
invade o rio. Branquejam as armas da espuma dos remos,
saem-lhe ao caminho correndo os crueis inimigos
em chusmas: uns arrojam da terra chuvas de setas,
outros coalham as águas de igaras ligeiras
e de perto esticam os fortes arcos. Voam zunindo
de toda a parte flechas em profusão, gemem os arcos
ao romper da seta emplumada, silvam os ares
à passagem das flechas, aturdindo os ouvidos dos bravos.

*Iamque hunc, iamque illum certo petit hostica iactu
Turba ruens, multasque levi dat arundine plagas; (385)
Horrendumque fremit terraque arcere laborat.
Nituntur contra, scinduntque adversa profundi
Fluminis arva viri; crebrisque inimica fatigant
Castra globis, quos ignis edax vomit, aera fumo
Involvens piceo, et cava murmure littora terrenis. (390)*

Ora a este, ora àquele procura alvejar com golpe certo
a turba furiosa: com a seta veloz semeia feridas.
Fremindo de raiva luta por afastar os invasores.
Estes porfiam em contrário e avançam cortando
a corrente adversa do rio: com incessantes descargas,
que a pólvora arroja entre nuvens e negra fumaça
e estrondo soturno das praias, castigam o arraial inimigo.

Tem sabor mitológico a descrição cronotópica, com o carro da noite a percorrer o declive da abóboda celeste, os *Olympica atria*: clássica a descrição do curso dos astros e a abertura do

cenário *in medias res*, com a batalha em pleno acirramento. E as tintas se carregam ao descrever a ação bélica dos *saevi hostes innumeri* com seus *acres arcus* e suas *sagittae densae pernicibus alis*, sibilando o ar com os *fugientibus telis*, É a *hostica turba*, quando se trata dos indígenas. Do lado do herói, *omnis juvenitus* vai à luta remando contra a corrente e demonstra a superioridade com seu *ignis edax* (a pólvora), os *crebris globis* ou constantes projéteis a castigar os *inimica castra*, envolvendo tudo com sua fumaça negra e atemorizando com o trovão de suas armas de fogo.

7. As primeiras Reduções, a grande gesta

*Principio, agrestes ut possit iure domare
Imposito gentes, iussisque addicere Christi,
Imperat ex variis concurrant partibus heros,
Littoribus curvis, campis silvisque relictis, (1030)
Aedificentque novas aedes, nova moenia condant
Collectae simul; et mores habitusque ferarum
Exuere incipiant; ne per diversa vagentur
Lustra, velut tigres, certis sine sedibus, omnes
Lustrantes terras, et nunquam certa tenentes (1035)
Oppida.*

De início, para poder jungir esses rudes selvagens ao jugo da lei e moldá-los pela doutrina de Cristo, ordena que, deixados recôncavos, campos, florestas, acorram de todas as partes a um mesmo local (1030) e aí construam novas casas, ergam novas aldeias e comecem a deixar os antigos costumes de feras; não vagueiem daqui e dali, como tigres, pelos cerrados, sem moradia certa, sempre numa terra p'ra outra, sem nunca fixar-se em aldeias estáveis; (1035)

*Iamque omnes fumantia linqere tecta
Congestasque casas paleis dumosaque rura
Cernere erat, quos fama viri multusque trahebat
Undique collectos timor; et se sponte suasque
Subdere cum natis uxores, tendere contra (1040)
Non ausos, telisque suis aut fidere dextrae.*

Era de se ver como logo deixaram as enfumaçadas malocas, suas cabanas cobertas de palha e suas roças agrestes. Acorriam de todas as partes, movidos da fama e do muito medo que do governador se espalhara; todos se submetiam a si, suas esposas e filhos (1040) sem ousar opor-se ou confiar em seus braços e armas.

*Ergo novos mores, nova condere foedera certus,
Magnanimus praetor iubet oppida quattuor amplo
Circuitu poni, quo agrestis confluat omnis
Ex circumfusus pagis Brasillis, et almas (1045)
Ediscat Domini mansueto pectore leges.*

Decidido assim a impor nova ordem, novos costumes, o magnânimo chefe manda construir quatro aldeias de amplo circuito, nas quais se reunam todos os índios

das tabas em derredor e onde aprendam aos poucos, (1045)
de coração já manso, as leis santas de Cristo.

A vitória da Cruzada “civilizatória” vai impor aos vencidos a nova ordem europeia cristã, coagindo as *agrestes gentes* a se dirigirem a um mesmo local em que se construirão *oppida quattuor amplo circuitu*, as quatro primeiras reduções no Brasil: São Paulo, São Tiago, São João e Espírito Santo. Como os índios vagueiam sem lugar certo, assim começarão a despir-se dos antigos costumes de feras *et mores habitusque ferarum exuere incipiant*. Com todas as cores ideológicas da Fé e Império:

Era de se ver como logo deixaram as enfumaçadas malocas,
suas cabanas cobertas de palha e suas roças agrestes.
Acorriam de todas as partes, movidos da fama
e do muito medo que do governador se espalhara;
todos se submetiam a si, suas esposas e filhos
sem ousar opor-se ou confiar em seus braços e armas.
(v. 1037-10410)

8. Combate aos herejes franceses

*Diruta cuncta ruunt, et magno pondere plangunt
Strata solum. Cumulant lignis ingentibus altos
Immani clamore rogos quae summa superbum
Nuper ad astra caput tollebant, diruta saevi
Consumunt ignes: laxis Vulcanus habenis (2930)
Effurit; obducit tetra caligine caelum
Fumus, et aethereos densatus denigrat orbis
Aequoraque accensis lucent resonantia flammis:*

Tudo se desmorona, geme a terra ao baque dos pesos.
Com loucos alaridos ajuntam as toras enormes
em altas fogueiras. Obras que há pouco erguiam a frente
até as estrelas, jazem agora por terra aos pedaços,
presa do fogo voraz: a chama se ceva sem freio. (2930)
A fumaça cobre o ceu de escura fuligem,
e em nuvens densas escurece os orbis celestes,
e luzem as águas rumorosas ao clarão da fogueira.

*Talis ubi flavas conclusit in horrea fruges
Agricola, exspolians fecundos frugibus agros: (2935)
Culminibus flammis canis supponit, in altum
It fumus caelum, strident crepitantia longe
Gramina, et obtentis nigrescunt arva favillis.*

Como quando o lavrador encerrou nos celeiros
as douradas espigas, despojando de seus frutos os campos: (2935)
então lança fogo às hastes secas, sobe a fumaça
às alturas, a relva ao longe vai crepitando,
enquanto os campos se cobrem de escuros resíduos.

*Ergo ruit summo Gallorum a culmine turris;
In cineres rapidus iam tecta superba rededit (2940)
Ignis et effrenes Dominus compescuit iras,
Elatosque animos depressit Christus Iesus:*

*Christus habens rerum imperium; quem maxima mundi
Machina formidat quem tellus vasta polusque
Aethereus tremit et tenebrosis Tartarus umbris. (2945)*

Assim ruiu o forte francês desde as cimeiras, e o fogo
num momento reduziu a cinzas esses muros altivos. (2940)
Foi Deus quem domou essas iras sem freio, foi Ele
que lhes esmagou a soberba: Cristo, sim Cristo
que rege os destinos humanos, a quem obedece
o mundo dos orbes, de quem treme a terra espaçosa,
o ceu brilhante e o inferno de sombras trevosas. (2945)

O livro IV quase todo (v. 2301 a 2940) se refere à expedição ao Rio de Janeiro, para enfrentar os franceses calvinistas: agora o outro é cristão reformista, e a cruzada se fará contra os hereges da Fé e Império. A vitória do governador Mem de Sá é a vitória do Cristo Rei que castiga os altivos Franceses. A figura do fogo a destruir seus fortes, valendo-se da metonímia mitológica do deus: *laxis Vulcanus habenis effurit*, para enfatizar a força sem freio do fogo a consumir o *superbum caput*. Com a torre a ruir e o fogo reduzindo tudo a cinzas, principia o Hino a Cristo Rei, que domou as iras sem freio *effrenes Dominus compescuit iras* e lhes esmagou os *elatos animos*. Novamente o *Aethereus polus* e o *tenebrosis Tartarus tenebris* saem da esfera mítica e se cristianizam.

9. Hino final

*In fines iam, Christe, tuum diffunditur orbis
Nomen, ut effusi latices fluitantis olivi;
Et mundi extremos penetravit adusque Iapones.
Te quoque adorabit caecis erepta tenebris,
Divinae exortu lucis radiata micanti (3050)
Natio, quae humana pascit fera viscera carne,
Et subiecta Noto noscet tua nomina tellus;
Aureaque australi succedent saecula mundo,
Cum tua Brasilles servabunt dogmata gentes.*

Já o teu nome se espalha até aos confins do universo,
ó Cristo, como torrente de penetrante perfume,
chegando até aos Japões, os mais afastados da terra.
Arrancada às trevas e iluminada pelo sol fulgurante
da luz divina, também virá um dia adorar-te (3050)
a nação que se ceva agora em carnes humanas.
A terra em que sopra o Sul conhecerá o teu nome
e ao mundo austral advirão os séculos de ouro,
quando as gentes brasílicas observarem tua doutrina.

Com o Hino a Cristo Rei conclui-se a epopeia de Anchieta: a terra que vivia nas trevas, a *Natio quae humana pascit fera viscera carne*, a terra do canibalismo, conhecerá sua *aurea saecula*

cum tua Brasilles servabunt dogmata gentes

“quando as gentes brasílicas observarem tua doutrina”

Em 1563 é publicada esta primeira epopeia das Américas, na Língua ainda oficial em tempos de Humanismo, sem dúvida ecoando nos meios cultos como literatura de informação do exótico mundo recém-descoberto e de povos há pouco inimagináveis na tradição europeia. São os 450 anos de sua publicação (1563-2013) e ainda está a merecer o seu lugar como primeiro grande monumento literário de nossa Terra.

Referências

ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL ANCHIETA EM COIMBRA – Colégio das Artes da Universidade (1548-1998). 3 vol. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2000. ISBN: 972-8386-38-9.

ANCHIETA, Pe. Joseph de. *De Gestis Mendi de Saa*. Introdução, versão e notas do Pe. Armando Cardos. São Paulo: Loyola, 1986.

BORTOLANZA, João. A alteridade indígena no poema épico anchietano. In *Classica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, v. 15/16, p. 249-257. São Paulo: SBEC, 2002/2003. ISBN: 0103-4316.

BORTOLANZA, João. A ideologia da adjetivação indígena em *De Gestis Mendi de Saa*. In *Atas do Congresso Internacional Anchieta 400 anos*. São Paulo: Comissão IV Centenário de Anchieta, 1998, p. 39-49.

BORTOLANZA, João. Aspectos da épica anchietana. In *Literatura Comparada: interfaces e transições*. Campo Grande: UCDB e UFMS, 2001, p. 199-209. ISBN: 85-86919-63-2.

BORTOLANZA, João. Mitologia Pagã em *De Gestis Mendi de Saa*. In *Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra – Colégio das Artes da Universidade (1548-1998)*, Vol. II, p. 629-637. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2000. ISBN: 972-8386-38-9.

BORTOLANZA, João. Neologismos em *De Gestis Mendi de Saa*. In *Classica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, v. 13/14, p. 383-392. São Paulo: SBEC, 2000/2001. ISBN: 0103-4316.

BORTOLANZA, João. Religião e alteridade no poema épico de Anchieta. In: *Anais do I Simpósio Internacional Religiões, Religiosidades e Cultura*. Dourados MS, 2004.